



ENSINO-APRENDIZAGEM NO ENSINO FUNDAMENTAL-ANOS FINAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DO PIBID

José Higo dos Santos Filho ¹
Alice Virginia Brito de Oliveira ²

RESUMO

O presente resumo tem o objetivo de evidenciar as reflexões, em forma de relato, das experiências vividas no período de novembro de 2024 a julho de 2025, no Núcleo Interdisciplinar de História e Pedagogia do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), da Universidade Estadual de Alagoas, tendo como órgão de fomento a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). As reflexões estão relacionadas, principalmente, às dificuldades e facilidades do processo de ensino-aprendizagem presentes nas aulas do 6º ano de uma escola da rede municipal de Arapiraca no estado de Alagoas. Sabendo-se que, o 6º ano caracteriza-se como uma série/ano de transição do Ensino Fundamental Anos Iniciais para os Anos Finais, os comportamentos dos estudantes deste ano são envolvidos num certo sentimento de entusiasmo e curiosidade, já que passam a estudar com mais de um professor ao mesmo tempo e com novas disciplinas, e isso é algo que pode ser analisado de maneira positiva e/ou negativa, a partir dos elementos que constituem essa etapa de transição/adaptação. Para a produção deste trabalho, utiliza-se como alicerce as vivências de observação e regência no PIBID, das aulas de História no 6º “D” da escola onde as atividades estão sendo desenvolvidas; e, para além disso, a fim de melhor fundamentar este relato, foram usados alguns referenciais teóricos que abordam essa temática em seus trabalhos. Em síntese, pode-se afirmar que as experiências nos apontam algumas questões centrais quanto ao comportamento de discentes do 6º ano, que acabam interferindo, seja positivo ou negativamente, no processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Ensino, Aprendizagem, Relações Interpessoais.

INTRODUÇÃO

O processo educativo é dividido por etapas de ensino – Educação Infantil, Ensino Fundamental Anos-iniciais e Anos-finais etc. - e cada uma delas possuem suas particularidades tanto em relação aos comportamentos adotados pelos alunos e pelos professores, quanto às outras problemáticas que surgem ao decorrer delas. Assim, é demasiadamente importante, compreender tais comportamentos, principalmente, quando existe um impacto direto ou até mesmo indireto no processo de ensino-aprendizagem.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL, higo.santos008@gmail.com;

² Professora orientadora: doutora, Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL, aliceoliveira@uneal.edu.br.



Sabendo-se que cada etapa de ensino possui suas especificidades, a transição de uma etapa para a outra, torna-se uma **zona de choque**, uma zona de readaptação, pois é necessário levar em consideração que os alunos saem de uma etapa na qual tem elementos próprios e passa para outra com novos elementos, exigindo, assim, uma mudança em seus pensamentos e nos comportamentos.

Ao analisar essas questões, durante a participação como bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), fomentado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível (CAPES), percebeu-se nas aulas de História do 6º ano que os estudantes, em todas as aulas, estavam sempre muito “entusiasmados” e, às vezes, era muito difícil conduzir esse entusiasmo para o desenvolvimento de uma aula produtiva, interferindo, dessa forma, na sua fluidez. Logo, iniciou-se uma reflexão por parte do autor deste trabalho no que diz respeito a essas questões juntamente com a orientadora/coautora.

Vale ressaltar que o 6º ano do ensino fundamental é uma série em que os estudantes, normalmente, estão iniciando a chamada “fase da puberdade”, na qual ocorre as mudanças hormonais que implicam no processo de transformação física e psicológica das crianças, tornando-as adolescentes. Evidentemente, essa fase influencia, de algum modo, nos comportamentos exercidos. Um exemplo dessa mudança comportamental são os famosos namoros de infância, que começam a serem praticados, principalmente, a partir dessa fase. Assim sendo, é de suma importância que ao pensar em estratégias metodológicas para as aulas, os professores pensem acerca dessas questões.

Consoante ao exposto, o objetivo deste trabalho é refletir as dificuldades e facilidades do processo de ensino-aprendizagem nas aulas do 6º ano do ensino fundamental, que marca a transição do ensino fundamental anos-iniciais para os anos-finais. Além disso, objetiva-se também apresentar uma análise comportamental tanto do professor quanto do aluno, evidenciando os caminhos que precisam ser trilhados e as decisões a serem tomadas para mitigar os desafios encontrados na sala de aula.

METODOLOGIA

O trabalho foi construído a partir das experiências de observação e de regência no PIBID, no período de novembro de 2024 até julho de 2025, logo, ele tem caráter qualitativo e empírico. Portanto, a base principal da pesquisa foram as lembranças e as anotações do diário de campo, as quais relatam as principais ações vividas em cada dia.





IX Seminário Nacional do PIBID

Os diários de campos são organizados em três aspectos que precisam ser contemplados durante a participação. O primeiro aspecto é um relato descritivo das atividades pedagógicas que foram realizadas; o segundo se refere aos elementos teóricos e metodológicos das aulas; e, por fim, o terceiro aspecto trata das reflexões que precisam ser feitas pelos licenciandos. Dessa forma, a observação é estruturada de uma maneira que o participante do PIBID possa, continuamente, refletir sobre as questões que se apresentam no contexto escolar, contribuindo com sua formação.

Além disso, para a construção de um embasamento sólido para a produção do trabalho, foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre a temática da transição e, também, sobre questões comportamentais, tendo em vista que, é trazida uma reflexão acerca da influência dos comportamentos no desenvolvimento das aulas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A fase de transição do 5º para 6º ano, aliás, do Ensino Fundamental Anos-iniciais para os Anos-finais, antes de qualquer característica que se possa atribuir, pode ser configurada como um divisor de águas, uma etapa de readequação comportamental. Segundo Cassoni (2017, p. 31) “no período entre dez e treze anos aproximadamente, a criança passa por mudanças físicas e cognitivas substanciais”.

Pode-se afirmar que, os comportamentos dos alunos são subjetivos, porque são construídos a partir do que eles vivenciam em suas vidas, no entanto, do mesmo modo, é possível pontuar que há alguns comportamentos que são coletivos, pois são reproduzidos em conjunto, de acordo com a idade ou a fase em que cada um está inserido. Portanto, se o estudante está no 5º, 6º ou 7º ano do ensino fundamental, apesar de ter seus próprios comportamentos construídos pessoalmente, ele poderá reproduzir também os comportamentos de seus colegas, pois fazer os que os outros fazem, gera aceitação e um sentimento de pertencimento e isso é relevante para a sua construção identitária. Como Lahire (2004), podemos colocar que cada criança é um universo particular que deve ser analisado com requisitos próprios.

Consoante a isso, no 6º ano, as crianças já estão passando por modificações, tendo em vista que elas já tem iniciado a puberdade, que é um período de novas descobertas sobre si e sobre o outro. Como é citado por Paula (2018, p. 35-36):





A modificação na rotina, as alterações no humor, a separação de determinados grupos de amigos e a rotatividade de professores, entre outros fatores, acabam tornando o processo de transição turbulento e cercado de conflitos, tanto para os estudantes como para os profissionais da educação que acompanham este processo transitório.

Sendo assim, como é expresso na citação, quando os alunos do 5º para o 6º ano, eles estão iniciando uma fase turbulenta, que deve ser compreendida com bastante sensibilidade, pois as mudanças comportamentais dos alunos que estão entrando na pré-adolescência, certamente, afetará as aulas. Nesta mesma perspectiva, Tavares e Amaral (2024, p. 3) coloca:

Os principais problemas enfrentados pelos alunos dessas séries são o aumento no número de professores e disciplinas, a mudança de escola, além do excesso de atividades a serem desenvolvidas em casa, os trabalhos, as provas, e as mudanças biológicas e sociais típicas da idade.

E, do mesmo modo, Costa (2015, p. 11) reforça:

“Quando há a transição dos alunos do 5º para o 6º ano é visível as mudanças que ocorrem com essas crianças e as mesmas não estão preparadas para essas mudanças e a escola com os professores encontram dificuldades em atender esses alunos nas suas individualidades.”

Nas citações, Tavares, Amaral e Costa destacam que, essas mudanças são muito evidentes e que ninguém está preparado para lidar com elas, seja os próprios alunos, professores ou a escola, de modo geral. Destarte, fica difícil suprir as necessidades dos alunos e até mesmo dos professores; no fim, todos ficam desamparados.

É necessário falar, principalmente, do impacto gerado pela mudança na organização do ensino e da rotina na transição para o 6º ano, pois é perceptível que há um grande rompimento, porque os alunos deixam de ter somente uma(a) professor(a) que se dedica, inteiramente, a aprendizagem deles, e começa a ter um professor para cada disciplina. Em relação a essa mudança, Simon (2019, p. 15) fala que:

Além do cotidiano escolar, que muda bruscamente primeiro na transição da Educação Infantil para o Ensino Fundamental e depois na transição dentro do Ensino Fundamental, esta última a qual esse trabalho se refere, a relação professor-aluno é, a meu ver, a mais impactante quando é rompida.

A relação afetiva entre o aluno e o professor do ensino fundamental anos-iniciais, é diferente das relações dos alunos com os professores do ensino fundamental anos-finais.



Logo, a dinâmica escolar tem caráter próprio em cada etapa, carecendo uma atenção a mais para a compreensão daquilo que pode se tornar ou não um obstáculo para o ensino e a aprendizagem. Acerca da afetividade, Tavares e Amaral (2024, p. 3) diz:

As relações interpessoais entre professor e aluno e os cuidados com a afetividade em sala de aula são de fundamental importância durante essa ruptura. Portanto, entendemos que seja preciso práticas pedagógicas diversificadas e que considerem as diferentes transformações que o aluno vivencia, tanto no campo social quanto no emocional.

Como foi pontuado acima, as relações entre os professor e aluno são extremamente importantes, principalmente, quando o aluno está na fase da ruptura. Sem uma boa relação com o professor, o aluno não conseguirá, de maneira fácil, compreender a realidade e as questões que estão ao seu redor, pois é como Moreira (1999, p. 120) cita: “O ensino se consuma quando aluno e professor compartilham significados”. Assim, a interação social entre ambos é imprescindível para a efetivação do ensino e da aprendizagem.

Ainda sobre essa questão, Cabral e Plácido (2024, p. 69) aponta:

Grande parte dos educadores resiste em atribuir valor significativo à afetividade ou ignora tal prática em suas aulas, sem se dar conta dos efeitos negativos que sobrevirão às crianças, inclusive em uma fase de transição como a que passam quando saem do Ensino Fundamental I para o II.

Desse modo, como citado, ocorre um efeito reverso ao que deveria acontecer, pois em vez do professor se sensibilizar quanto às transformações, especialmente, cognitiva dos alunos, ele fica indiferente em relação a essa questão e não percebe a consequência que é ocasionada. Além disso, é notório que, muitos professores quando vão optar por escolher as turmas que vão lecionar, acabam não escolhendo a do 6º ano, pois, para muitos, o 6º é problemático, e não entendem que isso ocorre justamente por causa dessa fase.

Em contrapartida, Cabral e Plácido (2024, p. 76) traz uma reflexão do que é preciso fazer:

É imprescindível que os professores e toda a comunidade escolar busquem estratégias para a organização de um ambiente acolhedor, para que se promova a participação e a integração do aluno, contribuindo, por conseguinte, para a minimização dos conflitos de adaptação tão constantes nessa trajetória.

Depreende-se, assim, que sem a mobilização necessária para evidenciar as problemáticas acerca da transição, pouco poderá ser feito. Ademais, não somente o professor



deve estar ciente dessa temática, mas sim, toda a comunidade escolar, pois as ações quando são realizadas de maneira conjunta, possuem uma porcentagem maior de dar certo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Depois de um longo período de observação e análise do material bibliográfico, foi possível corroborar que, realmente, as emoções e os comportamentos dos alunos do 6º ano são bastante aflorado, pois em toda aula era necessário intervir de alguma forma. Como já citado, parece que suas ações estão envoltas num sentimento de curiosidade e entusiasmo exarcebada e, como pontuado, isso se dá devido a puberdade e ao processo de transição do 5º para o 6º ano, no qual ocorre uma ruptura. Assim, faz-se necessária a compreensão acerca dessas questões por parte do professor.

Se o professor tem ciência da sua importância nesta adaptação e buscar construir uma relação afetiva e efetiva com seus alunos, ele consegue escolher as melhores estratégias para a condução das aulas. Logo, o entusiasmo exagerado se transformará em algo necessário para, produtivamente, fazer acontecer o processo de ensino-aprendizagem.

Ademais, o professor precisará adotar um perfil ou os perfis corretos para as aulas. Por exemplo, o professor quer adotar o perfil de bom moço, porém percebe que seus alunos estão muito agitados; a melhor opção será o perfil de professor sério/rígido; não confundam rigidez com autoritarismo. Basicamente, o professor deverá ser “produto” da turma a qual estará inserido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, conclui-se, portanto, a necessidade de entender que o 6º ano é um período de adaptação repleto de problemáticas que interfere no processo de ensino-aprendizagem. O entendimento sobre essa questão contribui para que os professores tenham um olhar sensível e crítico acerca dos comportamentos reproduzidos pelos alunos. Ademais, o professor precisa se enxergar enquanto mediador e elemento importante do processo educativo.

Conclui-se, portanto, que a temática sobre a transição escolar do 5º para o 6º ano, precisa ser evidenciada, pois muitos professores não sabem ou não levam em conta todos os fatores psicocomportamentais dos alunos que vivenciam a puberdade e estão mudando de





etapa de ensino. Sendo assim, desde a graduação, os licenciandos devem saber sobre essas questões para que procurem os melhores caminhos para a condução de suas aulas.

AGRADECIMENTOS

Os mais sinceros agradecimentos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por ter proporcionado e fomentado a realização da pesquisa através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

À Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), a qual é dedicada a formação de excelentes profissionais de licenciatura e bacharelado.

À Professora Doutora Alice Virginia Brito de Oliveira, Coordenadora do Núcleo Interdisciplinar de História e Pedagogia do PIBID / UNEAL – Campus I, que é também a orientadora e coautora deste trabalho.

REFERÊNCIAS

CASSONI, Cynthia. **Transição escolar das crianças do 5º para o 6º ano do ensino fundamental.** 2017. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

CABRAL, Gladir da Silva; PLÁCIDO, Julia Waschinevski. AS DIFICULDADES ENCONTRADAS PELAS CRIANÇAS NA TRANSIÇÃO DO 5º PARA O 6º ANO. **Criar Educação**, v. 13, n. 2, p. 58-84, 2024.

COSTA, Wilma da Silva Araujo et al. **As mudanças na aprendizagem dos alunos do 6º ano.** 2015.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares. As razões do improvável.** Editora Ética, 2004.

MOREIRA, Marco Antônio. A teoria da mediação de Vygotsky. In: MOREIRA, Marco Antônio. (org.) **Teorias da aprendizagem.** São Paulo: EPU, 1999. p. 109-122.

PAULA, A. P. et al. Transição do 5º para o 6º ano no ensino fundamental: processo educacional de reflexão e debate. **Revista Ensaios Pedagógicos**, v. 8, n. 1, p. 33-52, 2018.



SIMON, Caroline Machado. **Representações dos alunos sobre a transição do 5º ano para o 6º ano do Ensino Fundamental.** 2019.
IX Seminário Nacional do PIBID

TAVARES, Mara Cristina; AMARAL, Cláudia Tavares. Transição do 5º ao 6º Ano do Ensino Fundamental sob a perspectiva do Materialismo Histórico-Dialético. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades-Rev. Pemo**, v. 6, p. e11857-e11857, 2024.

